
A Palavra como Imposição de Poder na Obra *Yo, El Supremo* de Augusto Roa

Bastos

Gabriella Nascimento Cordeiro Pereira

655

Resumo:

O presente artigo busca compreender a função dos elementos dispostos na narrativa da obra *Yo, el Supremo* escrito pelo paraguaio Augusto Roa Bastos. Diante da vida do autor e partindo do conceito de retórica¹ em que esta é um produto da experiência consumada (no sentido da metis, da esperteza) é possível supor que os elementos que compõem a obra de Roa Bastos direcionam, por meio da estrutura textual e estética, a maneira pela qual o leitor compreenderá a história. Diante disso, acredita-se que a forma com que *Yo, El Supremo* foi escrita é a chave principal para a compreensão de seu conteúdo histórico, que os elementos retóricos e a disposição estética do texto tendem a colocar em um segundo plano. O resultado esperado baseia-se em encontrar uma diferença entre personagem – narrador – escritor, em busca de desvendar os fatos sociais, pessoais e fictícios – que podem estar presentes na narrativa-, por meio de teorias relativas à retórica do texto literário.

Palavras-chave: literatura de poder – perspectiva – retórica – ditadura – estética da recepção

INTRODUÇÃO:

Escritor de muitos exílios, Augusto Roa Bastos, poeta paraguaio, produziu mais de 24 obras das quais se vê presente sua experiência de vida. Viveu cerca de 40 anos fora de seu país, entretanto sua narrativa abrange um período de tempo muito amplo relacionado à história do Paraguai.

No romance *Yo, el supremo*, a narrativa constrói a figura de um homem cujo objetivo era perpetuar-se como soberano de uma nação. Em função de tal objetivo, fazem parte da narração fatos como a vida e a morte, o poder e a submissão, mas, sobretudo, o valor do conhecimento.

¹ Classical Rhetoric for the Modern Man, New York, Oxford University Press, 1971, p.XI.

A obra é caracterizada por sua narrativa complexa, posto que mantém uma estrutura própria no que diz respeito à disposição dos parágrafos e apresentação dos personagens que compõem o enredo. Esta organização atípica impõe que o leitor se adapte e desvende os mistérios por trás da organização das palavras.

Ademais de o personagem principal ser um ditador, o leitor enquanto telespectador da narrativa sente-se imposto a seguir algo que lhe estão ordenando: no caso, uma nova maneira de ler. Esta ordem lhe confronta uma decisão: seguir a forma com que o autor impõe a leitura ou não conseguir alcançar seu objetivo enquanto desvendador do texto literário.

Diante disso, acredita-se que a forma com que *Yo, El Supremo* foi escrita é a chave principal para a compreensão de seu conteúdo histórico, que os elementos retóricos e a disposição estética do texto tendem a colocar em um segundo plano.

Com o objetivo de desvendar as nuances que por trás do texto, proponho uma análise da forma e do discurso presentes no livro, no qual serão levadas em consideração as seguintes questões: a narrativa, o leitor e o autor. Tendo como base estudos críticos de autores como Nietzsche, Alberto Giordano, Paul Zumthor, Lukacs e Paul de Man, buscarei analisar a relação da imposição do poder no romance de Augusto Roa Bastos.

A DITADURA DA NARRATIVA DE ROA BASTOS (

Partindo da narrativa em presente desenvolvida pelo personagem Supremo, vê-se uma interpretação ou uma reescrita da história do Paraguai enquanto governada por Gaspar Francia. Tal interpretação se dá pelo interesse em dispor pontuações ou até mesmo omitir pontos finais ao fim de um período, entretanto o próprio Dr. Francia se assume como controlador da narrativa em algumas partes do texto como:

“Yo no escribo la historia. La hago. Puedo rehacerla según mi voluntad, ayudando, reforzando, enriqueciendo su sentido y verdad. En la historia escrita por republicanos y fariseos, éstos convierten sus embustes a interés compuesto (...)” (YES, 101)

O ditador, ou melhor, sua ditadura perpassa o físico, mas também alcança a escrita, a história. Enquanto Francia impõe sua soberania, inclusive intitulado-se “supremo e perpétuo”, seu argumento, para o leitor, torna-se válido, pois ele encontra-se impedido de deduzir ou imaginar qual a sequência e acontecimentos que o enredo imperativo e unilateral expõe, uma vez que Francia, através de seu discurso, estende seu poder de dominação por além das linhas do texto.

O uso da palavra, escrita e falada, torna-se a arma mais poderosa do ditador, uma vez seu discurso é dito não apenas como fatos, mas como verdades, e por sua história ser verdade, torna-se absoluta perante todos. Ademais disso, Francia é consciente de que sem o poder de seu discurso, sua soberania pode não perpetuar: “dejar de hablar es perder poder porque otros toman la palabra y nuevas ‘verdades’ comiezan a circular. Poder de la palabra para sí y poder del silencio sobre los demás.” (YES 62)

O problema em questão que o Dr. Francia desenvolve em seu discurso é o de que um governante tem que convencer seus governados que ele é dono da verdade, e esta provém do poder retórico da linguagem. Para exercer esse poder, a expressão cultural torna-se importante para a construção linguística do personagem. Trata-se, então, de um poder de convencimento. Enquanto um ser convence o outro, ele provém de sabedoria, mesmo que ela convenha ou não a quem está sendo imposta.

Ao ter a dominação do conteúdo, no caso a história de um ditador do Paraguai, o autor impõe novas maneiras de perpassar seus conhecimentos. Nessa

nova forma, não são utilizadas normas de texto normalmente conhecidas – como parágrafos, aspas, travessões-, mas usa do não uso dessas normas para dificultar ainda mais que interfiram naquilo que é seu por excelência: o domínio do texto.

Dr. Francia usa da retórica para que a população e até mesmo seus inimigos o obedeçam. Ele tem domínio do seu discurso e manipula-o para que suas palavras sejam lembradas. Em uma de suas conversas, o próprio diz que “el hombre de buena memoria recuerda nada porque no olvida nada” (YES, pág. 11); é esse seu almejo: tornar suas palavras imortais. Além disso, na sociedade narrada na “ditadura perpetua” a escrita foi algo banido. Sobre a escrita no texto, o ditador diz:

“Aquí en Paraguay, antes de la Dictadura Perpetua, estábamos llenos de escribientes, de doctores, de hombres cultos, no de cultivadores, agricultores, hombres trabajadores, como debiera ser y ahora lo es.” YEL (pág. 38)

Para que suas palavras fossem eternizadas, Francia chegou à conclusão que era necessário escrevê-las. Para isso, ordenou a Patiño, seu secretário, que escrevesse o que ditava, entretanto, para ter consciência do que é escrito, o ditador segura na mão do secretário quando este escreve. Sobre a importância da escrita, diz o ditador:

“Al principio no escribía; únicamente dictaba. Después olvidaba lo que había dictado. Ahora debo dictar/ escribir; anotar en alguna parte. Es el único modo que tengo de comprobar que existo aún.” (pág. 53)

Em uma leitura mais intensa e crítica, é possível verificar que, em determinadas partes do texto – em especial as partes em que outros personagens que não Dr. Francia e Patiño estão sendo descritos- a cada dois espaços seguidos, muda-

se o cenário do texto. Entretanto, para chegar a essa conclusão, além de muito tempo destinado à análise, é necessário deixar que o conteúdo esteja como segundo plano, enquanto a forma tornar-se o objeto em questão. Ao optar por essa análise da forma, o autor segue tendo controle do conteúdo, pois dificulta a assimilação da leitura e, assim, o surgimento de ideias que não sejam as deles sobre o texto.

Entende-se como ditadura na escrita da obra, portanto, a escolha de elementos usados na composição da narrativa que dificultam ou até mesmo interferem na interpretação do leitor. Vê-se a importância de tal escolha levando em consideração o valor biográfico que o autor pode ter optado por usar em sua obra que, além de descrever um regime ditatorial, aborda o período em que foi expulso do Paraguai.

O LEITOR DE YO, EL SUPREMO

A Teoria da Estética da Recepção, proposta por Jauss, destaca a importância do papel do leitor no ato da leitura. Essa teoria foi escolhida porque amplia os horizontes de análise do texto e, sendo aplicada tanto à modalidade verbal quanto à não-verbal, favorece a exploração do texto e da imagem, ampliando a significação dos mesmos, trazendo novo sentido aos estudos literários. A partir da teoria recepcional, a obra é avaliada por meio da descrição de elementos internos e dos espaços vazios que serão preenchidos pelo leitor.

Considerando que a leitura não é um ato separado nem uma operação abstrata (Zumthor, 2014), o leitor encara a narrativa como uma estória a ser interpretada. No caso de Roa Bastos, essa estória narrada tem a função de reescrever a história, portanto a interpretação do leitor tende a ser direcionada a um novo rumo.

Nietzsche estabelece uma relação entre o ato de ler e o texto. Diz Nietzsche: “... ser capaz de ler um texto como texto, sem misturar uma interpretação, é a última forma de ‘experiência interior’ – uma forma talvez quase impossível...”.

A função do leitor na construção dos sentidos do texto requer uma intensificação em sua atividade imaginativa, pois fica a cargo dele a interpretação diante da multiplicidade de sentidos da obra. Relacionando o papel do leitor em comparação ao do autor, Brandão (2001, p. 92) diz que o escritor “não é a origem, a fonte absoluta do sentido, porque na sua fala outras falas se dizem”.

O autor do texto conta com uma reação específica do leitor quando em contato com a obra. Essa reação, ou melhor, essa perspectiva do autor se dá pois ele necessita prever se a compreensão da leitura será alcançada. Sobre essa perspectiva, Lukacs diz:

“esta perspectiva não é uma mera utopia, um mero sonho, mas sim a consequência necessária de uma evolução social objetiva, que se manifesta objetivamente, no plano literário, através do desenvolvimento de uma série de personagens agindo em determinadas situações”. (Lukacs, 1968)

Ao tentar convencer este sujeito real do que está acontecendo através das coações que exerce, Roa Bastos, por meio do supremo, tenta impedir, ou ao menos coibir a leitura de uma maneira sincrônica para que o leitor faça parte de seu poder absoluto, uma vez que quando possuímos mais informação, sabemos mais e, portanto e de acordo com o personagem Supremo, temos mais autoridade. Por essa lógica, o leitor então passa de um telespectador da narrativa para mais uma prova de soberania do poder da narrativa.

Essa relação do autor- ditador também se dá no texto e se caracteriza pela convicção do personagem de que dar ordens é sua obrigação. O leitor também é consequência disso, pois a narrativa se dá partindo do princípio de que o leitor sabe menos que o autor a respeito do texto. Dr. Francia justifica esse posicionamento da seguinte maneira:

“Yo sólo mando lo que mucho puedo. Mas como Gobernante Supremo también soy vuestro padre natural. Vuestro amigo. Vuestro compañero. Como quien sabe todo lo que se ha de saber y más, les iré instruyendo sobre lo que deben hacer para seguir adelante. Con órdenes sí, mas también con los conocimientos que les faltan sobre el origen, sobre el destino de nuestra Nación.”
(YEL, pág. 35)

É importante sinalizar a diferença de conhecimento que, neste momento, separa o leitor “comum” do leitor de Roa Bastos, uma vez que ele deixa de ser comum, pois o autor, em seu texto, nega, ou até mesmo interage com o conhecimento que ele já deduzia que o leitor teria. Esta dedução está intrínseca à experiência literária que uma pessoa tende a ter, no caso, essa pessoa pode até mesmo ser o próprio autor de “Yo, el Supremo”, levando-o assim a usar como estratégia de escrita suas convicções emocionais de leitor.

É possível pensar nessas convicções e emoções como algo ligado diretamente à memória, levando em consideração a importância do ponto de vista anteriormente descrito. No texto, a memória compõe parte importante, pois é ela quem faz o ditador escrever seus pensamentos: “El que no tiene memoria, copia, que es su manera de recordar. Es lo que me sucede. Cuando un pensamiento se me escapa, yo lo quisiera escribir, y sólo escribo que se me ha escapado.” (pág. 446)

Há também no texto devaneios do personagem principal sobre sua personalidade. Em algumas passagens, seus pensamentos justificam suas atitudes e não se sabe exatamente a quem é dirigida essa explicação, já que esse tipo de atitude foge das características que o ditador constrói a respeito de si. Segue um de seus devaneios: “El que no tiene memoria, copia, que es su manera de recordar. Es lo que me sucede. Cuando un pensamiento se me escapa, yo lo quisiera escribir, y sólo escribo que se me ha escapado.” (YES, pág. 446)

O próprio autor do texto, portanto, é um leitor por excelência, já que ele pressupõe e tenta inibir atitudes que levarão os outros a interpretarem sua estória. Ele não quer uma interpretação, mas quer fazer com que suas verdades postas em linhas sejam consideradas oniscientes.

ANÁLISE DA LEITURA

Para a análise da obra, foi necessário abandonar o que foi narrado para enfatizar como se deu a narrativa. Esse estudo fez-se necessário para compreender a razão pela qual o autor optou por compor a obra com estruturas mais trabalhosas e complicadas, desde a perspectiva do leitor.

A perspectiva torna-se uma problemática no texto a partir do momento em que o autor está consciente da mesma. Ele torna a mesma como consequência de um objeto – no caso, a narração-, e faz da mesma parte de sua estratégia. A perspectiva, então, que deveria pertencer unicamente ao leitor, é direcionada a ponto de interferir em sua interpretação. Lukacs (1968) conceitua perspectiva da seguinte maneira:

“É perspectiva na medida em que ainda não é realidade; é, na verdade, uma tendência a realizar nos fatos esta realidade, mediante as ações e os pensamentos dos homens determinados”.

Tal fato apoia o autor em seu texto, pois ele expõe um período histórico através de uma obra e usa de personagens para desempenharem a histórica. Ainda a respeito da perspectiva, que no caso representa a intencionalidade do autor, Lukacs (1968) diz: “a perspectiva só é autêntica e concreta quando surge das tendências de desenvolvimento dos indivíduos representados na obra de arte”.

Diante de tal conceito, a realidade torna a fazer parte da análise, pois é a grande questão da novela: construir uma realidade inventada. Para tal, a verdade está presente em toda a fala do personagem Supremo que, ademais de governar o Paraguai, tenta impor “verdades” para o povo. A respeito da realidade, Alberto Giordano (1999) diz:

“porque si algo puede la literatura es precisamente inventar, en los intersticios de una realidad dada, la posibilidad de otra realidad, una realidad esencialmente extraña, que caso nunca se realice pero inquieta, por su inminencia, cualquier sentido, cualquier valor establecido”.

Construir um mundo, ou melhor, tornar real uma verdade – no caso de Yo, el Supremo - vai além da história. O autor optou por definir uma forma de escrita que apoiassem a ditadura narrada: os tipos de letra e relatos, a formação dos parágrafos, a sequência de falas e etc. Tudo se constrói a fim de apoiar a soberania do personagem.

Entretanto, saber discernir o verdadeiro do imaginário torna-se uma tarefa árdua, pois o livro foi composto levando em consideração que a interpretação se dá além do texto, mas depende de cada indivíduo. Portanto, o leitor, para conseguir interpretar o texto, deve fazer o caminho reverso ao da leitura: ele deverá ter consciência de que há uma interpretação a ser seguida.

A figura do ditador, portanto, é a de um orador que faz da palavra – escrita e falada – um instrumento para a criação de um universo. Entretanto, ele não quer passar seus conhecimentos aos outros, mas usa deles para que seu poder se expanda mais e se immortalize através da memória da população. Sobre o Dr. Francia no texto:

“Si el hombre común habla consigo mismo, el Supremo Dictador habla siempre a los demás. Dirige su voz delante de sí para ser oído, escuchado, obedecido. Aunque parezca callado, silencioso, mudo, su silencio es de mando.” (YEL, pág. 24)

A construção literária, então, compõe uma subjetividade cuja função é apoiar dois planos: o real, que pertence ao escritor; e o imaginário, que pertence à narrativa. A função dessa união vai de contra ao pensamento Pierre Lévy (1996) de que “o real tem limitações evidentes e é observável, enquanto a imaginação tem pensamento baseado em definições”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da importância dos elementos para a compreensão do texto, verificou-se que a interpretação não pode ser realizada sem referências à estrutura multiforme da obra. Os discursos do ditador, misturado com intervenções do autor

dão como resultado um texto cheio de sugestões, em que os níveis semânticos se relacionam.

A Estética da Recepção vem dar fundamento a pontos comuns na análise do texto, no qual a mobilidade do ponto de vista, a perspectiva, a leitura da obra e a expectativa resultam no aprendizado que levará o leitor a entender os caminhos, as regras do jogo da leitura proposta por Roa Bastos.

Desta maneira, pode-se dizer que como a novela histórica, *Yo, El supremo* relata fatos reais, porém, como obra literária, é composta por fatos e personagens fictícios cuja função é relatar uma estória. Ou seja, a imaginação e a memória compõem parte fundamental da construção literária da obra de Roa Bastos, fazendo com que o leitor se envolva e se confunda ao tentar desvendar a veracidade histórica da obra. Usando palavras do Dr. Francia, a novela traduz-se em uma de suas frases: “nada mejor que destacar la verdad de los hechos comparándola con las mentiras de la imaginación.” (pág. 42)

REFERÊNCIAS

- ALEXIS Márquez, citado por Francisco López Sacha. En: “*La tragedia del Generalísimo: Realidad y proyección de un nuevo mundo*”. En: Revista Casa de las Américas No. 148, año XXV. La Habana, enero-febrero de 1985. p. 164.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 200
- BRANDÃO, H. H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª ed. Campinas: Unicamp, 2001.
- DE MAN, Paul. *Alegorias da leitura - Linguagem figurada em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust*. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução: Roberto Machado e Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003

GIORDANO, Alberto. **Razones de la crítica. Sobre literatura, ética y política.** Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1999.

JAUSS, H. R. col. **WARNING, R. Estética de la recepción.** Madrid: Visor, 1989.

LUKÁCS, György. **Marxismo e Teoria da Literatura.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Argumentação e Análise do Discurso: reflexões a partir da segunda Provincial.** Tradução de Eduardo Lopes Piris; Moisés Olímpio Ferreira. In: BARONAS, Roberto Leiser; MIOTELLO, Valdemir (Orgs.). *Análise de Discurso: teorizações e métodos.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 69-86.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.